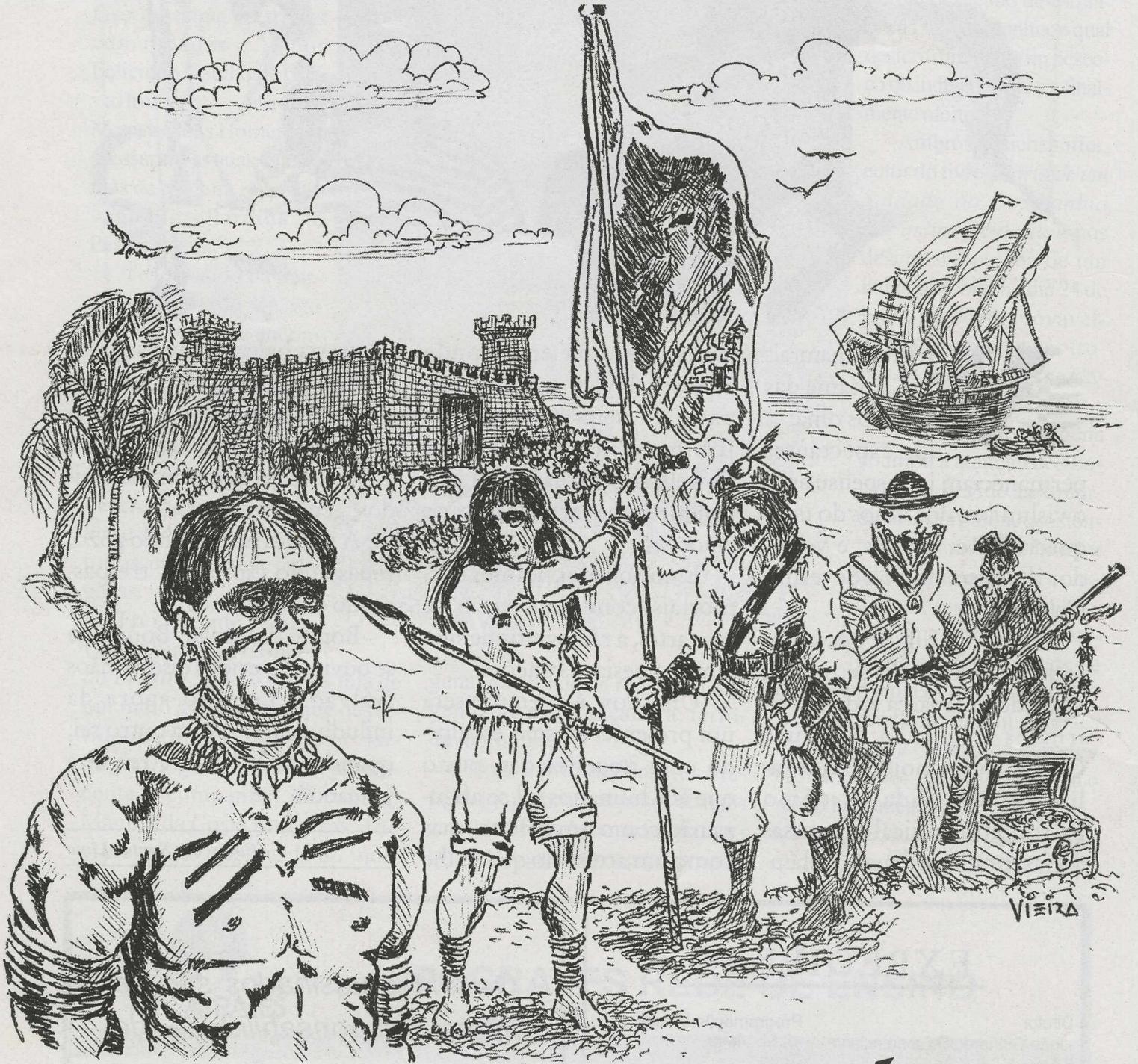


# O Potiguar

Ano V... Nº 26

Janeiro/Fevereiro 2002

Distribuição Gratuita



## O Memorial do Índio

# A galvanização do som ou os filhos do Rei da Alegria



**N**os jardins naturais da Capitania das Artes, os olhares dos expectantes permaneciam in suspensu ante o vislumbre dos filhos do inesquecível Rei Momo e vereador da Terra do Sol, Severino Galvão.

Ali, sob o fulgor dos holofotes coloridos, via-se, qual a visão de uma sarça ardente, os irmãos Eri, João, Babau e Galvão Filho, hoje semi-tombados em vida, como patrimônio musical das nossas areias, prados e águas. Debên-

tures de uma era aonde Beatles, Dylan e Stones espargiam seus sons aos de Jobim, Vinícius e Baden Powell, eles desfilaram ali seus pendores, matizes e cores, suas emoções.

Emocionados ficamos nós, mortais, com a expressão de suas artes, a radiografia de suas almas, poesias e canções.

Um show é e sempre será um presente, mesmo esculpido com imperfeições, posto que aos humanos tal se afigura não como um defeito, mas como um acessório que só lhe

empresta beleza e revelações.

Interessante, neste sentido, é a transfiguração da energia, quando o verbo se faz carne e a carne reverbera em sustenidos, gemidos e sons.

A música imprimindo gozo, repassando espasmos, trespassando corações.

Bonito de ser ver. Bonito de se ouvir. Atrevidos esses irmãos Galvão. Lembro agora da iniludível frase de um outro rei, quando dizia "Luiz, respeite Januário".

Eustachio Santos Lima

## EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-J. M. Vieira

Capa

-J. M. Vieira

Gerente Comercial

-Carlos Frederico Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

*Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.*

## Dois gigantes indígenas

**C**oncluída a construção da Fortaleza dos Reis Magos, em sua fase de taipa, as tropas comandadas por Feliciano Coelho de Carvalho e Manuel Mascarenhas Homem regressaram às suas capitânicas de origem, respectivamente Paraíba e Pernambuco.

Tendo saído da margem esquerda do rio Potengi, onde se encontrava a Aldeia do Camarão, no dia 25 de junho de 1598, aquelas tropas se defrontaram dias depois com uma aldeia potiguar, ocorrendo um combate entre as duas facções inimigas, portuguesas e indígenas.

Frei Vicente do Salvador, em sua *História do Brasil 1500-1627*, nos fala de um índio agigantado, que desferiu um golpe de alfanje no sargento Diogo de Miranda, pertencente à companhia do capitão Manuel da Costa Calheiros. Tão violento foi a estocada do índi-



gena, que fendeu a rodela do sargento até a embraçadura, ferindo-o no braço.

Diogo de Miranda enterrou a espada que portava nos peitos do indígena até a cruz. Mesmo ferido mortalmente, o gigante potiguar abraçou-

se com o sargento e certamente o levaria à morte, se não ocorresse o socorro prestado por Jerônimo Fernandes, cabo de esquadra da sua companhia, o qual desferiu um golpe no pescoço do indígena, que foi finalmente morto.

Ambrósio Richshoffer, autor do livro *Diário de um Soldado da Companhia das Índias Ocidentais*, nos descreve a pessoa de um indígena morto no dia 24 de junho de 1630, provavelmente pertencente às tropas de Antônio Filipe Camarão.

O cadáver do indígena chamou a atenção dos holandeses devido à extraordinária corpulência ostentada. Examinado o interior da boca do gigante, constatou-se que a mesma possuía uma fortíssima dentadura com duas ordens de

dentes em cima e embaixo!

Do cadáver retiraram diversas tiras de pele e o carrasco derreteu bastante sebo!... É o que informa o relato holandês...

*Olavo de Medeiros Filho*



**HIPÓCRATES**

### HIPÓCRATES REDE DE ENSINO

UNIDADE	ENDEREÇO	TELEFONE
Unidade Bessa	R José Ferreira Ramos, s/n, Bessa 58.036-000 João Pessoa/PB	(83)245-9661
Unidade Centro	R Jundiá, 421, Tirol 59.020-120 Natal/RN	(84)222-4367
Unidade Luna	R Casimiro de Abreu 60, Jardim Luna 58.033-330 João Pessoa/PB	(83)244-2519
Unidade Miramar	Av. Pte Epitácio Pessoa, 3955, Miramar 58.043-000 João Pessoa/PB	(83)247-2294
Unidade Ponta Negra	R Prof. Dirce Coutinho, 1989, Capim Macio 59.082-180 Natal/RN	(84)642-1490
Unidade Zona Norte	Av. Paulistana, 1897, Potengi 59.108-120 Natal/RN	(84)214-2947
Unidade Zona Sul	Av. Alameda das Mansões 2110, Candelária 59.067-010 Natal/RN	(84)206-7729
Unidade Manaira	Av. Edson Ramalho, 788, Manaira Cep: 58.038.100 João Pessoa/PB	(83)247-2525
Unidade Bairro Estádios	Av. Minas Gerais, 251, Bairro dos Estádios - 58.030-090 João Pessoa/PB	(83)243-9900
Unidade Cidade Verde	Rua Cap. Heraldo Cunha S/N - Cidade Verde Parnamirim/RN, 608-0641	(84)608-0641

## UMA PROVÍNCIA INCURÁVEL (através de Câmara Cascudo)

**D**e maneira geral, o espaço histórico cultural norte-riograndense sempre foi tardio e infuncional, tanto às influências receptivas externas, quanto às contribuições produtivas internas, em nível nacional, respectivamente. Pois, até o presente momento, nada aconteceu de relevância explosiva no fazer poético potiguar. Salvo, é claro, algumas exceções, aqui e acolá, acanhadas e perdidas ao longo do tempo, antes do salto formal e qualificativo do Poema-Processo e da operação cinematográfica de o *Boi de Prata*. Faltou uma tradição receptiva crítica.

Com efeito, quem conhece o panorama histórico cultural desta província sabe que a coisa sempre ocorreu assim mesma. Do slogan “nascendo jacaré jamais será águia”, o fisiologismo inoperante dos grupos reacionários dominou todo o contexto cultural sem deixar margens algumas para a metamorfose tecno-moderna da terrinha.

Das glosas e modinhas lacrimosas de Lourival Açucena, assimiladas dos árcades mineiros cem anos depois, até a mediocridade vérsica dos sonetos e trovas de Luís Rabelo, emerge a pior produção poética deste estado. Exceto o anonimato isolado das produções poéticas, por exemplo, de Ferreira Itajubá, Jorge

Fernandes, Erasmo Xavier, José Bezerra Gomes, Newton Navarro, Zila Mamede e Mirian Coeli, já memorizadas em museus literários brasileiros.

Nesse reflexo, histórico poético,



todos aqueles poetas atuais, que mal digeriram a obra poética de João Cabral, produziram também a maior diluição prosaica já vista por estas bandas. Esqueceram os princípios formais da poética moderna, pela insuficiência perceptiva provinciana. Entrementes, salvam-se somente aqueles poetas que deram a volta por cima e sacudiram a poeira cabralina, à medida em que descobriram ou-

tros caminhos da linguagem poética contemporânea. Faltou uma tradição receptiva intrusiva.

Talvez, a influência assimilativa, reacionária e burocrática, espelho para todo o aparato acadêmico hodierno, do escritor Câmara Cascudo, em quase um século de domínio cultural, tenha inibido essa tradição intrusiva, inapelavelmente. Embora não se possa negar a sua grande contribuição produtiva, seja negativa ou seja positiva, neste contexto. Assim, uma leitura crítica, em sua produção como um todo, seria possível de análise no espaço de duas modalidades recepto-reflexivas: intrusiva e assimilativa. À primeira, no sentido de não haver uma reflexão crítica, com relação a um repertório antropofágico e moderno, na sua produção tão influente. Sem isto não haveria possibilidade de mudança explosiva no pedaço de Poty. À segunda,

houve uma estratificação cultural à medida em que certa mentalidade acadêmico-burocrático estabeleceu bases verídicas e sólidas para um folclore verde-amarelo, nostálgicamente de ordem assimilativa, reacionária e retroativa, no inconsciente coletivo da província papa-jerimum. Valorizaram o consenso antigo e desprezaram o dissenso moderno sem nenhuma controvérsia arrisca-

### Núcleo de Estudos e Pesquisa “Câmara Cascudo”

O Núcleo Câmara Cascudo desenvolve estudos e pesquisas sobre temas relevantes acerca da Cultura do Rio Grande do Norte promove a oferta de Cursos, Seminários, Conferências, estabelece intercâmbio com instituições locais, estaduais, nacionais e é responsável pela organização do acervo da obra de Câmara Cascudo e outros pensadores do Estado.

#### Professores Pesquisadores

- . Dalcy da Silva Cruz
- . Edna Maria Rangel
- . Leda Lins Guimarães
- . Maria das Graças de Aquino
- . Maria Francinete de Oliveira

### Projeto Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte - ALiRN

Atividade de Pesquisa desenvolvida na Base de Pesquisa do Curso de Letras - Língua, Literatura e Cultura.

O Projeto ALiRN, coordenado pela Profª Maria das Neves Pereira, está veiculado ao Projeto Nacional, Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB.



Maiores Informações: Curso de Letras/UnP

215-1327

UNIVERSIDADE  
POTIGUAR

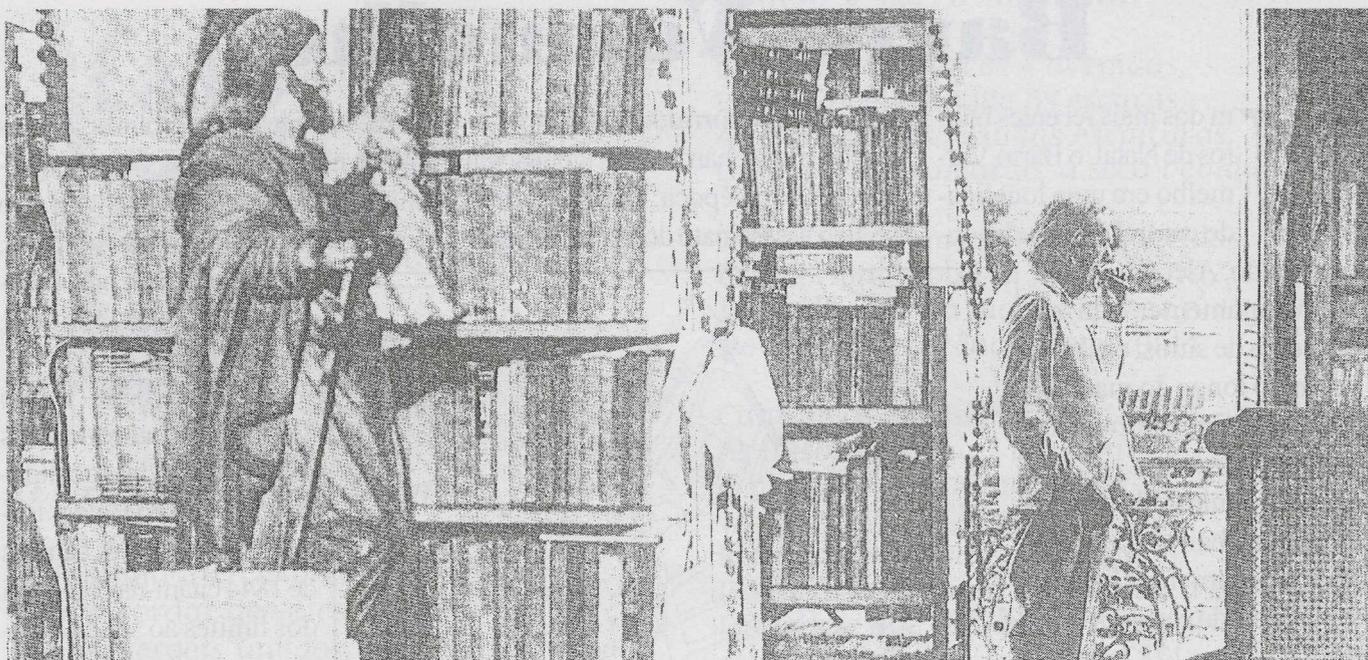


Foto: Carlos Lyra

da. Solidificou-se a modalidade assimilativa.

O leitor esperto, que já fez uma boa leitura, pelo menos, na parte básica da obra de Cascudo, percebe, imediatamente, de suas detalhadas linhas, o obsessivo ódio ou aversão que ele tinha pela modernidade, principalmente das articulações inventivo-tecnológicas. Uma concepção humanística e cristã decadente sempre dominou Cascudinho. Sim. Faltou uma tradição intrusiva. Faltou um espaço antropofágico. Faltaram produtores culturais do naipe de Odorico Mendes, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Joaquim Inojosa ou de um Gilberto Freyre. Faltou uma tradição moderna incisiva. Cascudo plantou “macumba para turistas” nos floreios descritivos e nos cabides de citações de sua obra. A recepção acadêmica do projeto do seu centenário, orga-

nizado por seus mais ferrenhos e diretos discípulos, não nos deixa fantasiar outra postura: “macumba para turistas”. Somente dessa maneira sobrevivem os literatos e intelectuais destas plagas.

Cascudo castrou as reflexões intrusivas de todo o contexto cultural potiguar, no decorrer deste século, através da preservação retrógrada dos valores lírico-folclóricos assimilativos: sem nenhuma consideração reflexiva moderna, senão à catalogação informativa dos mitos folclóricos antigos. Sem nenhuma conciliação intrusiva. Ficou muito distante do seu contemporâneo Mário de Andrade que operou inventivamente no folclore brasileiro através do seu *Macunaíma*. Mário informou novas formas. Cascudo catalogou velhas figuras.

Cascudo limitou os fusos horá-

rios assimilativos dos estados estéticos artísticos na emoção, desprezando o espanto intrusivo. Nunca imaginou a emoção do espanto. Assim, também, mediou a crítica dos mútuos elogios, onde os artistas eram apadrinhados pelo poder da política cultural folclórica. Logo, quem não bajular as “grandes figuras” não passará pelo crivo artístico. Todo o poder é assimilativo. Todo o saber é intrusivo. Assim caminha o espaço artístico atual, sem apelo.

Enfim, que o leitor não aceite este arremate com um acinte gratuito, nada contra o nosso maior escritor e nem repulsão pelo impulso mítico do folclore; ao contrário, não toleramos as formas como os mitos coletivos são abordados e manipulados por grupelhos folcloristas e arquivistas desta província incurável.

Bianor Paulino



-UNBEC-

## COLÉGIO MARISTA DE NATAL

### 100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -  
130- fone: (084) 211- 5505 - Fax:(084)212-1216-  
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natep)





## O Crâneco de João Dantas

À Janaína Merencórea  
Este recordar de vales,  
Sítios, vergéis úmidos,  
Logo na entrada.  
Jamais cessará.  
Está no mundo.

E sentir que a montanha  
Muito tem a ver com ele,  
Sem sair dos seus suportes  
Saturados de cultura.

Visão. Ou arte: olhai!  
- O crâneco de João Dantas  
exposto à natureza  
sem história.  
Somente a luz do sol  
O acaricia.

Feito um diamante,  
Ele rola sobre a verdade pura,  
Maravilhoso como um Anjo.  
Arcaico. Barroco. Denodado e ilagreiro.  
Vai desentortar o pé dos semi-deuses.

Ascendino Leite

## Soneto V (beco da lama)

Nas ruas, nos becos e avenidas,  
Errando pela cidade às escuras,  
As sombras, esquálidas esculturas,  
De um tempo amargo: a seca bebida.

São as débeis memórias esquecidas,  
Duma ribalta que já não fulgura,  
Mergulhadas na mais vil amargura  
De uma vã existência combalida.

Cantam os bêbados e prostitutas,  
As ilusões perdidas na labuta,  
A pira que cessou no limiar.

Refugiando-se sob a fumaça  
Da escória, seguem brindando a desgraça  
E à morte que não tarda a raiar.

Manuel de Azevedo

## Revés da sorte

Esse que outrora no seu lar vivia,  
Levando a vida na maior ventura.  
Nunca temeu sequer a desventura;  
Seu viver era sempre a burguesia.

Caridade não fez. Nem um só dia,  
Aos que prostados nos seus pés rogavam  
Um pedaço do pão que mendigavam,  
Em nome de Jesus ou de Maria.

Quase sempre, dista enfurecido;  
"Prossiga que eu não atendo o pedido  
Que me fazem em nome de Jesus",

Mas hoje; infeliz sorte o perseguiu;  
Agora pede a quem lhe pediu,  
"E vive quase nu", sem pão, sem luz.

Joaquim Lucas

Transcrito do Jornal "A CAPITAL", 17/01/1909



**POTYLIVROS**  
A Sua Livraria em Natal

Rua Felipe Camarão, 609  
Rua Felipe Camarão, 628  
CEP: 59025-200  
Telefax: (84) 221-2001  
E-Mail: potylivros@digi.com.br

Av. Senador Salgado  
Filho, 1973  
CEP: 59078-000  
Fone: (84) 231-7170  
Telefax: (84) 231-1448

DISQUE-LIVROS



**(84) 211-2001**

E-Mail: potylivros@digi.com.br

Você telefona e recebe em sua casa  
o LIVRO de sua preferência, inclusive  
livros didáticos



**BOOK  
A.S. SHOP**

**Av. Salgado Filho, 2850 - Lj 05  
Lagoa Nova - CEP 59063-100  
Natal/RN - Fone: 206-9099**

## Resgate ao índio faz solidariedade

**S**e a coletividade potiguar tivesse mais juízo e coerência cultural sobre as suas origens – os índios que nos antecederam à história de Cabral, Mascarenhas Homem e tantos outros, constituiriam a base do processo histórico construído por 16 das 4 mil gerações em que estamos situados.

- Porque esta afirmação estranha e confusa?

Parece, mas, não é, segundo o estudo dos fatos, de suas interpretações e da pesquisa feita isoladamente, com determinação, boa vontade e responsabilidade de pessoas interessadas na dimensão do homem e sua passagem pela terra em que vivemos.

### Linha do Tempo

Entre as dezesseis e quatro mil gerações do índio no Rio Grande do Norte visualiza-se uma *linha no tempo* ou ponte de ligação do homem primitivo e civilizado com sustentação em dois períodos históricos.

São dois tempos ou estágios do ser humano, em busca de sobrevivência na própria natureza animal, vegetal, aquática, mineral e do ar, durante o dia e a noite do

sonho, pensamento e ação.

- Índio nunca pensou, nem agiu no tempo!

Assim falam os inconseqüentes e desconhecedores do potencial da humanidade que menosprezam o infinito da aspiral humana.

A ciência está comprovando que até mesmo os animais irracionais têm pensamentos que fazem com que ele encontre os meios para sobreviver, segundo o ambiente em que vivem.

### Águas e Secas

Foi na famosa *linha do tempo*, quando as águas eram abundantes no Mundo, inclusive em todo o Nordeste e Rio Grande do Norte, que o homem primitivo se fez presente no território do atual sertão.

Quem nos afirma isto – é o arqueólogo e pesquisador Gaston Laroche, depois de trabalhar 20 anos nas caatingas do Estado, escavando e descobrindo fósseis antes desconhecidos.

No início dos anos 80 – século 20, as escavações feitas por Laroche na caverna Casa de Pedra, em Martins-RN, resultaram na coleta de 5 a 6 mil fósseis animais e humanos, com indícios de

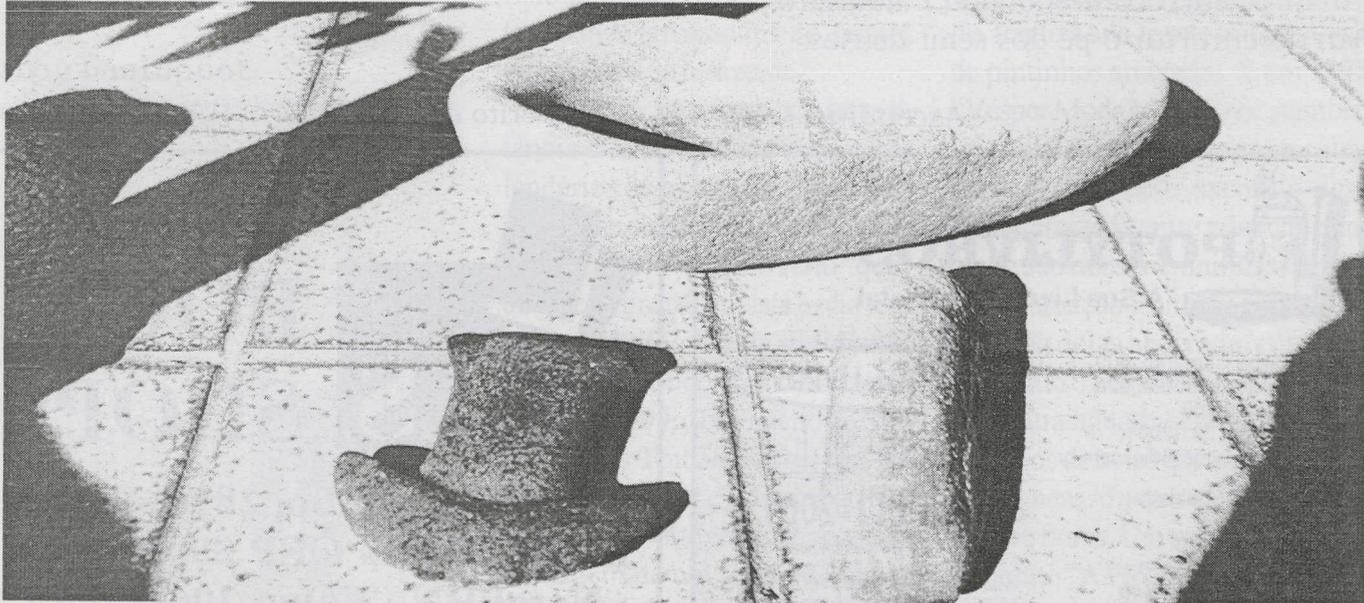
que têm mais de 100 mil anos.

Os seres humanos dessas 4 mil gerações – teriam sido extintos pelas águas e o gelo da última glaciação, quando esses primitivos foram os Homens Caçadores amparados nas cavernas, onde faziam os seus instrumentos de pedras cortadas por eles mesmos.

A segunda fase, aquela dos últimos 500/400 anos, foi criada pelos portugueses, em conseqüência da conquista de novas terras, especialmente da Índia, além de outros continentes – quando Cabral e seus navegadores, seguindo as orientações do reino, denominaram os selvagens de Índios, certamente achando que haviam chegado às terras indianas.

Os grandes navegadores de Portugal – ficaram marcados com essa bobagem histórica da atualidade, apesar de, em sua época, serem vistos e reconhecidos à semelhança dos astronautas da atualidade: os senhores do espaço se confundem com os senhores do mar.

Na visão sócio-antropológica, bem como na bíblica do mundo contemporâneo, o Homem jamais teve outra denominação fundamental, exceto no tocante aos seus diferentes estágios, os quais são todo de Homo.



Com estes instrumentos, o homem primitivo marcou a sua presença no Rio Grande do Norte, desde o período paleolítico.

## Terra sem Males

Os brasileiros do século 21 estão tendo e criando a oportunidade de melhorar os conhecimentos relacionados ao Homem, tendo em vista o que está ocorrendo em todo o mundo, onde e quando se começa a preocupação em torno das melhorias sobre a qualidade de vida.

A criação da *Terra sem Males* por demais desejada pelos índios, desde o tempo da colonização, quando os exploradores plantavam a semente do ódio, morte, abandono e extinção – torna-se, agora, uma bandeira dos civilizados católicos – católicos civilizados!?, em defesa dos índios, segundo as orientações da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através da Campanha da Fraternidade – 2002.

Isto reafirma a grandeza, dignidade, justiça e coerência do Bispo espanhol Bartolomeu de las Casas – início do século 16, como pioneiro na defesa das populações indígenas massacradas pelos colonizadores.

Por sua vez e também da mesma época, o índio Jenipapoçu – do então Rio Grande que passou a ser do Norte, agora tem a confirmação do seu trabalho pela reunião / organização da Liga Índia, sem apoio do holandês e português que estimulavam a extinção dos indígenas.

Nas matas do sertão, esse líder selvagem conseguiu iniciar aquela organização com o apoio de 4 mil índios expulsos de suas terras, os quais, a semelhança dos Sem-Terra de hoje recebem a solidariedade da Campanha da Fraternidade.

## Ação Cultural

Tudo que aconteceu e ainda hoje ocorre com o índio – revela a predominância da ignorância sobre a sabedoria no preto e branco das páginas que registram a his-

tória do homem no tempo e espaço da vida.

A esperança é de que o capitalismo selvagem, realmente existe, sem ter, entretanto o poder absoluto e capaz de fazer com que tudo seja manobrado por ele, nas pequenas e grandes decisões, negando a capacidade infinita da vontade com racionalidade do homem.

Depois dos 500 anos de opressão, extinção e perseguição aos índios, eis que a Igreja – fazendo o seu Mea Culpa – abre os braços, em nome do Filho de Deus, para acolher os índios e Sem-Terra feitos pela “cultura da morte”, para que ressuscitem das cavernas e calvários.

Neste momento – abre-se o canal da cultura para que os mortos e vivos sejam vistos, amados, lembrados e tenham o seu devido lugar na esteira da passagem por este mundo, sem medo e ódio, rancor e lágrimas que degradam a humanidade.

No solo banhado de sangue indígena – Guerra dos Bárbaros, mais precisamente Guerra aos Índios, iniciada desde o Açu-RN, 1687 e daí espalhando-se pelo Nordeste – ficou a marca da necessidade para que seja feito o

Memorial do Índio.

– Memorial do Índio sem haver Índio?

Se assim não fosse, certamente não haveria condições para um Memorial, pois a memória indígena no Rio Grande do Norte foi bastante arrasada, ou seja, extinta de modo radical, exceto no tocante aos seus poucos descendentes, no sertão, litoral e agreste.

O bonde da história está passando pelo território potiguar, avisando aos passageiros que os seus vagões estão vazios para a condução de quem deseja viajar à *Terra sem Males*, em companhia dos índios que ficaram com os *civilizados* - homens e mulheres que aspiram à paz e amor ao lado de outros vivos e mortos, no Memorial dos Índios que clamam por justiça, liberdade, solidariedade e fraternidade.

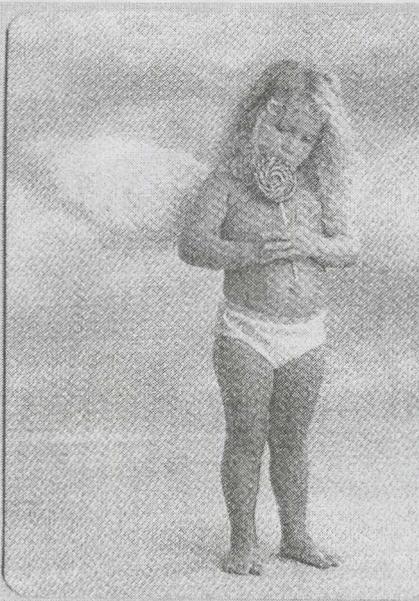
A viabilização desta idéia/plano está na dependência da sociedade, desde que os grupos sociais, as universidades e os governos sejam partidários do bom-senso coletivo, em companhia das igrejas – pelo nosso desenvolvimento cultural e social.

Arlindo Freire



O homem pré-histórico também deixou seus desenhos na face das pedras, a exemplo deste, no Acari – copiado em 1927/28 por José de Azevedo Dantas

## Cineminha dos calendários



Muitas pessoas se dedicam ao hábito de colecionar. Quando se trata de coleções que abrangem algum interesse cultural (por exemplo: coleções de livros, coleções de cds, coleções de fitas de vídeo ou dvd) não se critica. Mas quando se trata de coleções que podem parecer algo de vazio e inútil, do ponto de vista cultural, se critica, se menospreza, se leva no ridículo.

Tenho neste artigo a coragem de confessar: além de outras coleções ligadas diretamente à cultura (livros, cds, jornais e revistas), gosto de colecionar calendários de bolso. E o tema que prefiro, quanto à parte ilustrativa dos calendários, são as imagens de crianças (quem quiser fazer troca com calendários desse tipo, mande suas propostas para: Anchieta Fernandes, Rua Piloto Gileno Melo, 1840, Natal, RGN, Cep 59054-760). Explico porque: o calendário significa a mudança, a renovação do tempo. Então, a imagem mais adequada para ilustrar um novo ano e um novo tempo são a das crianças; em suas diversas expressões fisionômicas, gestos e atividades traduzindo um nascimento, um sol renascendo no horizonte.

Embora sem a mesma importância dos cartões postais, os calendários de bolso tem lá sua presença sociológica e cultural. À crítica de que eles tem um certo “que” de discriminação racista e não tem nenhum enfoque dos problemas sociais, respondo com dois exemplos. Em 1999, o calendário do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas e Editoras do Rio Grande do Norte era ilustrado com a imagem de um grupo de bebês brincando sobre um sofá, dentre os

quais dois negrinhos. E os calendários de bolso com imagens de crianças podem fixar indiretamente problemáticas sociais, com a força da estesia que o artista fotógrafo ou desenhista expressou; como é o caso do calendário de 1983 do “Salão Unisex”, de cabeleireiros, à época existente à Av. Bernardo Vieira, em Natal. É uma menina linda, de longos cabelos, boca pintada de batom vermelho e olhos azuis cheios de tristeza. Ela chora. Derrama lágrimas, talvez pelas violências e autoritarismos arbitrários que às vezes as crianças sofrem dos adultos. Mas ela veste um vestido verde; a esperança a cobre.

Leiamos descritivamente alguns dos outros calendários de minha coleção, mandados confeccionar por pessoas, empresas ou instituições norte-riograndenses:

Já em 1975, um calendário de “O Mundo das Sandálias”, de Francisco Bezerra de Araújo, distribuidor de Natal de várias marcas famosas de sandálias, coloria um dos aspectos da ternura das crianças: o seu relacionamento com animais. É uma menina loura, vestida de vermelho, com um meigo sorriso, deitada de bruços sobre a grama verde, tendo à sua frente uma ninhada de pintinhos amarelos. E em 1978, “Vésper Moda Masculina”, também loja natalense, oferecia num calendário o mais belo exemplo desta eterna amizade entre crianças e animais: são duas meninas dando a maior atenção a um cãozinho peludo, uma delas abaixada, como que limpando o pêlo do animal.

Outra ligação constante, nos calendários de bolso que usam imagens de crianças, é a que existe entre crianças e flores. Um calendário da loja natalense “A Pipoquinha”, em 1981, traz para o deleite de quem gosta

destes tipos de cenas poéticas, a foto de uma menina totalmente cercada de flores, dando vida a seu jardim com um sorriso luminoso, como se ela ao mesmo tempo fosse uma flor maior, com um sol nascendo do seu rosto. Quase se sente, pela sugestão visual, o trescalar do perfume dourado do jardim.

As crianças (mesmo as que nascem em um lar pobre) são de um mundo onde a leveza, a pureza e a fantasia alavancam seus pensamentos. Porisso que em 1984 a loja natalense “Clínica dos Brinquedos” distribuiu dos calendários mais bonitos que já consegui: duas meninas estão dormindo na cama. Acima de suas cabeças, no leito, suas meias estão penduradas e preenchidas com brinquedos. Elas sonham talvez com Papai Noel descendo do trenó, depositando aveludadamente nas meias aqueles brinquedos por elas tanto almejados.

Às vezes, os calendários são como que minúscula reportagem fotográfica, de uma única foto, ilustrando o clima de determinados países, mesmo que o clima do país onde o calendário é distribuído não seja aquele (e daí? A televisão brasileira, por exemplo, deixa de publicar uma reportagem sobre determinado aspecto do clima de países como Suécia, Estados Unidos ou Afeganistão, porque é uma televisão brasileira?). Em 1985, por exemplo, a “Farmácia Espacial”, natalense, distribuiu um

calendário onde duas crianças, totalmente agasalhadas com roupa contra o frio (inclusive gorros de lã nas cabeças) brincam sobre um terreno coberto de neve. De qualquer maneira, para compensar, dez anos depois, em 1995, a locadora “Cine Stop Vídeo” distribuiu com seus clientes natalenses um calendário com uma imagem bem brasileira: uma menininha vestida com roupa matuta (dessas de dançar quadrilha juninas), com chapéu de palha, está sentada sobre uma cesta num celeiro, segurando um cesto com um coelho. Neste ano de 2002, eu preferi para um calendário que mandei confeccionar com meu nome, telefone e endereço, a imagem mais adequada ao nosso clima: uma menina só de calcinha, chupando picolé, com asinhas artificiais de anjo de procissão. Mais brasileira não há!

E assim é o universo de uma coleção de calendários de bolso. Muitas outras imagens bonitas e acolhedoras perpassam no écran imaginário, como um filme de encantamento. Casais de pequenos namorados (por vezes o menino beijando a menina ou entregando-lhe flores); meninas tomando sorvetes; a exuberância de suas danças; sentadas em carteiras escolares, vestindo a farda do colégio; tomando banho em piscina portáteis; tocando instrumentos musicais; segurando cachorros, gatos, coelhos, pintos, patos, bonecas, e todos os animais em forma de brin-

quedos (principalmente os de pelúcia). Às vezes, um toque de humor; como no calendário de 1998 da empresa natalense “Barateiro da Construção”, mostrando uma criança quase bebê, com um chapéu de doutorando na cabeça, engatinhando, tentado agarrar o diploma que está à sua frente.

Consegui em 1986 um calendário, distribuído pela “Farmácia Bandeirantes”, de Natal, onde há um inequívoco toque literário, uma influência do poeta espanhol Juan Ramón Jiménez: uma menina abraça o pescoço de um burrinho manso, enfeitado com um colar de flores (talvez colocado pela menina). Pois é, pode-se aqui recorrer à lembrança e trazer à cena o espetáculo da humanização do burrinho Platero, de Jiménez, no seu livro “Platero e Eu”, onde a crônica “Idílio de Abril”, começa descrevendo: “As crianças foram com Platero ao arroio dos choupes, e agora, saltando e rindo ruidosamente, trazem-no a trote, todo coberto de campânulas amarelas”. Um burrinho coberto de flores! Uma menina enfeitando com um colar de flores o pescoço de um burrinho!

É como exclama ainda Jiménez: “Alegre, suave, inspiradora pastoral!” É saudável sentir-se a alegria pastoral das crianças no singelo universo dos calendários de bolso.

Anchieta Fernandes

**C** **OMPRAMOS,**  
**VENDEMOS E**  
**TROCAMOS**  
LIVROS. E REVISTAS  
VINIS. CD'S E FITAS DE VÍDEO  
OBRAS DE ARTE. ANTIGUIDADES  
EM GERAL. ENCADERNAÇÃO  
E RECUPERAÇÃO DE LIVROS

*Sebo da Praça*

PRAÇA PADRE JOÃO MARIA, 71-A  
CENTRO - NATAL/RN  
FONE: 211-0402

**NORDESTE GRÁFICA**

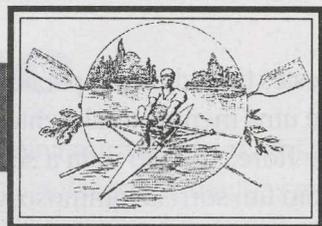
**EDITORIA GRÁFICA**

Rua Pe. João Manoel, 520 - Centro - Natal/RN

**SERVIÇOS GRÁFICOS EM GERAL**

**222-1461**

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Juvenal Lamartine

**B**acharel em Direito, magistrado, político, deputado federal, governador do Estado, senador, fundador do Aero Clube do Rio

Grande do Norte, o segundo do país, e construiu nove campos de pouso pelo interior do Estado; sugeriu o voto feminino pela primeira vez, no Estado e no Brasil. Jornalista e escritor, publicou inúmeros trabalhos na imprensa local e nacional, além do livro "Velhos Costumes do Meu Sertão". Foi um governador evoluído, trazendo melhoramentos notáveis para o nosso Estado. Suas obras nos vários setores do Estado ainda hoje são lembradas, porém, no campo esportivo foi marcante. Construiu em tempo recorde, em 1928, uma elegante praça desportiva condizente com a época em que a cidade tinha apenas 40.396 habitantes, para cultivar a prá-

tica do futebol, praça comportando 5.000 assistentes, esporte



até então incipiente e praticado em Natal apenas em descampados, sem a menor condição de uma apresentação técnica condizente com o progresso daquele

esporte na Europa e em quase todo o Brasil. Criou condições financeiras, resgatando imediatamente 24:600\$000 em ações, fazendo com que a população acreditasse, com comerciantes vitoriosos e homens de progressão adquirissem em poucos dias, mais de 10:000\$000; localizou a obra em terreno nobre da cidade; estimulou homens competentes para dirigir a construção; encontrou receptividade na comunidade e teve a felicidade de entregar a cidade em 180 dias um presente inusitado para a época, tornando um marco para o desenvolvimento esportivo em nosso Estado. Até hoje o "Stadium Juvenal Lamartine" vem servindo ao movimento esportivo de nossa cidade, certamente com ampliações. Juvenal Lamartine nasceu em Serra Negra (RN), em 09/08/1874 e faleceu em Natal, a 18/04/1956, aos 82 anos de idade.

Luiz G. M. Bezerra



## O pobre rico

**D**entre às inúmeras estórias contadas por papai, nunca esqueci aquela que envolvia um senhor conhecido por Afonso. Um rapaz pobre que, parecendo manso, desajeitado, de um momento para outro ficou rico, ao se casar com uma viúva, dona de várias propriedades e de uma enorme criação de gado.

O fato chamou a atenção dos seus companheiros e daqueles que mais intimamente conviviam com Afonso na pobreza e, depois, já rico participando das festas e da boemia envolvente, causava estranheza.

Passados os anos, a coisa começou a mudar. A riqueza do casal foi diminuindo e os amigos de Afonso já não notavam mais aquele esbanjamento que vinha caracterizando a sua conduta de homem farrista, mulherengo e gastador.

O pior. A doença bateu-lhe à porta para atrapalhar, ainda mais, os seus planos do rico que dava os primeiros passos de volta à pobreza.

O certo é que, passados alguns anos, o patrimônio da viúva não agüentou a orgia de quem farreava e gastava desregradamente, sem medir as conseqüências, e tudo indo de água abaixo.

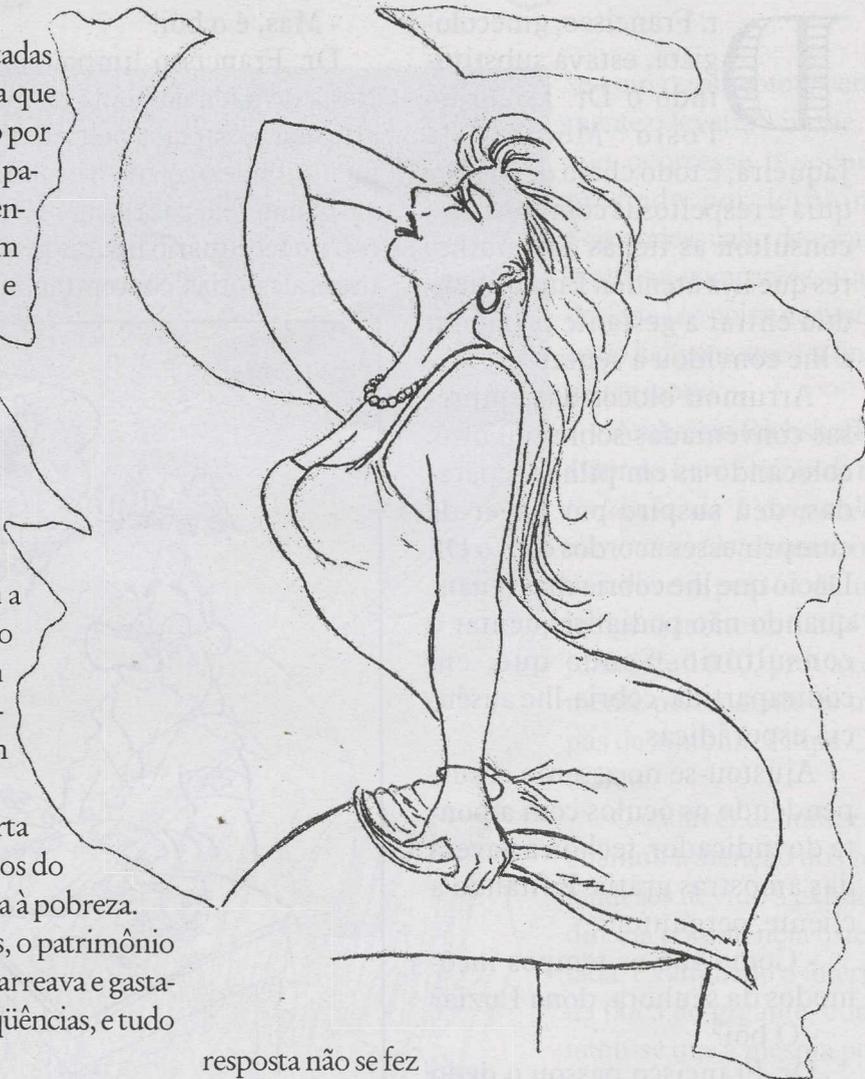
Um dia, já cansado, doente e pobre, pois vendera tudo; as melhores propriedades. O gado acabado, sem mais recursos de espécie alguma, vivendo a maior dificuldade ao lado da esposa, outrora rica, Afonso recebeu a visita de um dos seus cunhados que teve de fazer-lhe a seguinte advertência – “Afonso! Você gastou tudo que minha irmã levou quando se casaram, com cachaça, jogo e raparigagem, agora está pobre, sem mais coisa nenhuma para se manterem. Está satisfeito? Diga, Afonso”. A

resposta não se fez

esperar. Veio em cima da bucha, como se diz na gíria, com as seguintes palavras. – “Não compadre, você está enganado; não foi bem assim. Eu não gastei tudo que tinha com cachaça, jogo e raparigagem. Eu gastei tudo que tinha com mulher da bunda redonda”.

*Manoel Medeiros*

*Extraído do livro João Bernardo de Medeiros (Seu Humor) Gráfica Santa Maria, 2ª edição, Natal, 1991.*



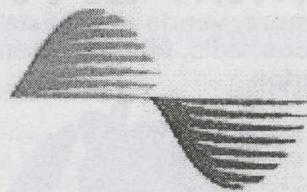
Núcleo Cultural



**Augusto Maranhão**

**DUNAS & MARES**

T U R I S M O



Rua Potengi, 747 - Petrópolis - Natal/RN - CEP 59020-030

Telefax: (84) 202-5040 / 202-5090 / 202-5206

E-mail: [dunasemares@digicom.br](mailto:dunasemares@digicom.br)

## Pontos de vista

**D**r. Francisco, ginecologista, estava substituindo o Dr. Dácio no Posto Médico da Jaqueira, e todo cheio de hierarquia e respeitadas composturas, consultou as fichas das mulheres que iria atender. Então, mandou entrar a gestante primeira; e lhe convidou a sentar-se.

Arrumou blocos das empresas conveniadas sobre seu birô, colocando-as em pilhas separadas, deu suspiro por haver de cumprir esses acordos com o Dr. Dácio que lhe cobria dias iguais, quando não podia freqüentar o consultório. Sendo que, em contrapartida, cobria-lhe ausência esporádicas.

Ajustou-se no assento e, suspendendo os óculos com a ponta do indicador, fechou a gaveta das amostras grátis. E fitando a cliente, perguntou:

- Como vão os tempos incômodos da senhora, dona Luzia?

- O boi?

Dr. Francisco passou o dedo pela gola da camisa, ajustou-se na mesinha de ferro fundido, pigarreou. Puxou a cadeira um pouco para a frente, limpou a manga do jaleco, onde mosca teimava em pousar e perguntou, num outro tom de voz:

- Não senhora, dona Luzia. Eu pergunto pelas regras. As regras. Como vão as regras da senhora?

- Mas, é o boi!

Dr. Francisco limpou sujeirinha de nada na ponta da mesa, arrastou os sapatos no piso de cimento, onde o solado não deslizava. Olhou fixo para a cliente. riscou no receituário figuras geométricas aleatórias, concentrando-se,

devagar e bem explicado:

- D. Luzia, como vai a sua menstruação?

- E após, home? Num é o boi?

Dr. Francisco, com ameaças de pegar uma gripe, já sentindo o corpo mole e dores de cabeça, rispidação empurrou a cadei-



Ilustração: Vieira

o tanto possível, numa linha reta muito comprida, que foi subindo até o cabeçalho, e depois inventou umas paralelas, mais feiasas.

Com raiva arrancou a folha, amassou-a e, calmamente, jogou-a no depósito de lixo, que quase não o achava, embaixo de outras banquinhas na saleta.

E perguntou, de novo, bem

ra para trás.

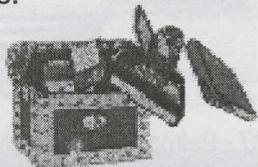
Comprimiu as narinas na tentativa de evitar um espirro, e apontando a caneta esferográfica, tipo Mont Blanc, em direção à cliente, rispidação, sentenciou:

Pois bem, dona Luzia. Como vai o seu boi?

Afranio Pires Lemos

### SEBO CATA LIVRO

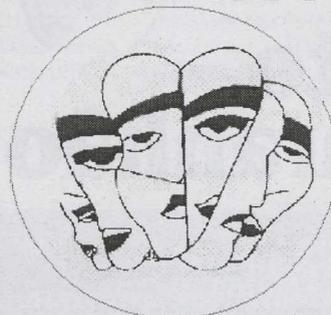
Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617

Filiais: Rua Vaz Gondim, 816 - Centro - Natal/RN  
Av. Xavier da Silveira, 67 - Tels.: 9461-5996 / 9415-9924

### Sebo AMORIM



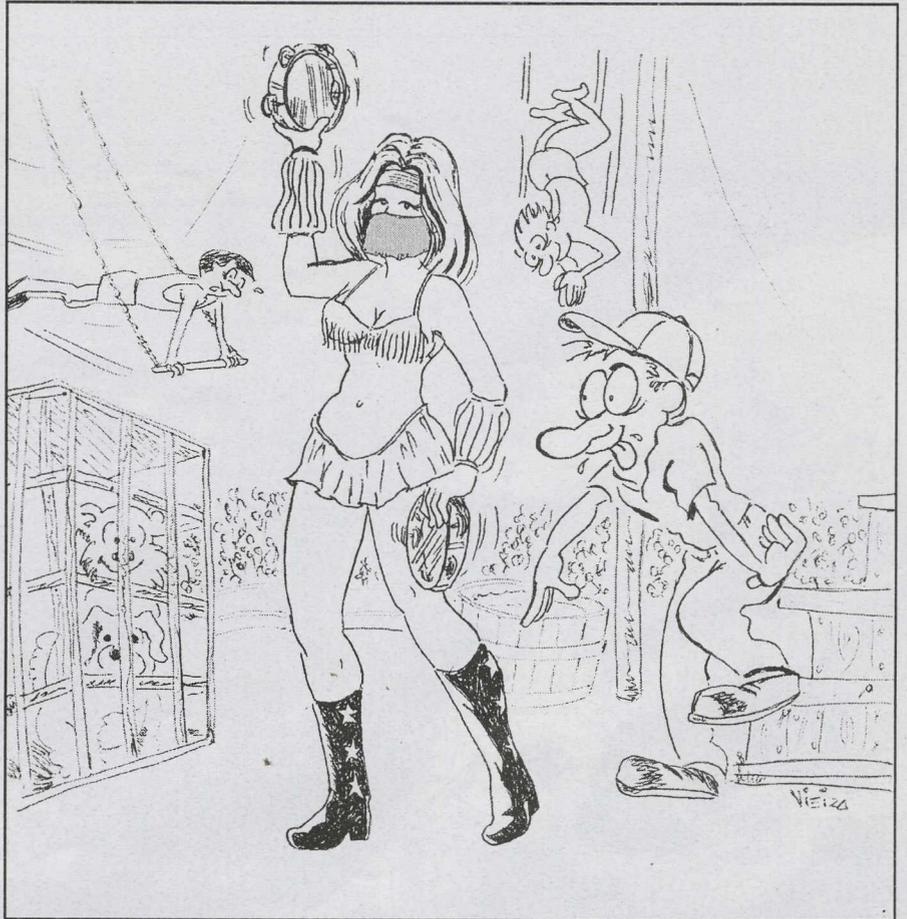
Vende-Compra-  
Troca de Cd's -Livros-  
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94  
Centro- Natal/RN  
Fone: 221-3717/987-8551

# O circo na roça

Os abastados aguardavam o dia todo fazendo a diligência deles para a função. Nove da noite e tocava a sineta do circo. Tinha o “paião” que dava cambalhota espremendo o riso da platéia; o homem do arame e o trapézio. Isto, sem contar com aqueles besouros aperreados, de cangote desconjuntado procurando luz. As moscas? Por que tanta mosca à noite? Severina fala que só se acaba no Dia da Hora que é ainda no mês de março (dia em que Nosso Senhor subiu para o céu). Termina também o mosquito de ramela – aquele que dá em olho de menino pobre, amarelo.

Mas o melhor do circo eram mesmo as baianas! Nove ao todo. Remexendo ali na “dança do ventre...” Zé Caboclo, no poleiro de cima, pegava a se torcer também e jogava o boné. A baiana relaxada esfregava ele nas virilhas e gritava: “Dê uma cheirota!” Zé vibrava: “Ô coisa cheirosa! Ô boné cheirosos!” Um cabra véio daquele – pai de neto. Já Chico, não perdia uma função, sempre vestido com uma capa véia preta e um pedaço de pau na mão. Sentava ali na geral muito fofo e ficava

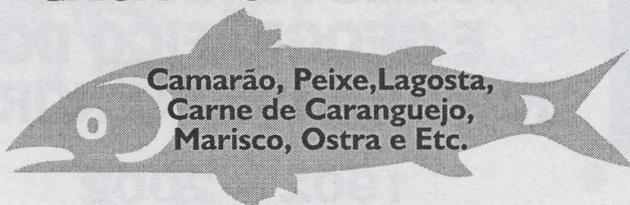


aguardando o início do espetáculo: “Minhas senhoras e meus senhores...” De repente, uma baiana loira tira o seu boné branco e esgoela para os presentes: “Vou passar bem passado seu Chico! e ele todo bronco dava cada gaitada...” “Cheira aí seu Chico!” Francisco virava de banda no tablado duro e gemia: “Ô coisa cheirosa!...” Já em

casa, todo animado, contava para a irmã: “Tô gamado naquela baiana...” Chegou intê a comprar seis cadeiras com os pés de borracha e uma mesinha de centro, fazendo plano para tomar de conta dela. Ele marcou que a relaxada vinha atrás dele. Amor de bronco véio...

Newton Lins Bahia

## CASA DO PEIXE LTDA

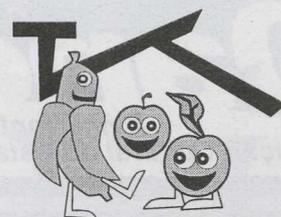


Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.

Ney Aranha Marinho Júnior  
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

## A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84)206-5612



## Mãe Luíza

Mãe Luíza  
Minha Mãe  
Vim aqui só pra chorar  
Vim aqui pra encontrar  
Sete estrelas  
Sete sóis  
Minha vara de mium  
Minhas linhas  
Meus anzóis  
O meu velho samburá...  
Mãe Luíza  
Minha mãe  
Garanto que já passou  
Minha vontade de pescar...  
Desculpe por perguntar  
Por meu chincho  
Por meu pé de camboim  
Por meu verde trapiá...

Mãe Luíza, aquela duna  
Ela agora quer andar  
Na força forte do vento  
Que sopra do alto mar  
Tem o Deus da tempestade  
Uma flauta pra tocar...  
O Deus da tempestade  
Tá tecendo um manto branco  
Pra cobrir essa cidade...

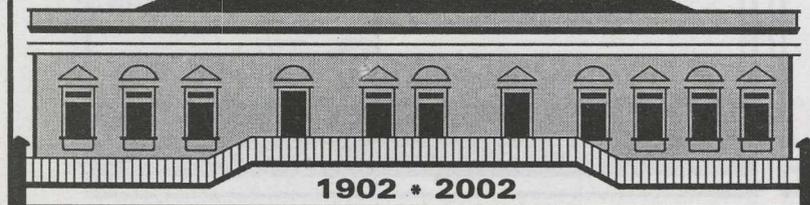
Cavaleiro de Aruanda!  
Cavaleiro de Aruanda!  
Vem depressa galopando!  
Vem depressa galopando!  
Ê boitatá!  
Ê boitatá!

Cavaleiro de Aruanda!  
Traga logo um lenço branco  
Pra minhas lágrimas enxugar!...

**Geraldo Ribeiro Caldas**

**100anos**

A mais antiga  
Instituição Cultural do Estado



**INSTITUTO HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO DO  
RIO GRANDE DO NORTE**

**1902 \* 2002**

Rua da Conceição, 622-623 - Centro CEP 59025-270  
Natal/RN - Brasil - Fone: (0xx84) 221-1228  
E-mail: ihgrn@bol.com.br